

LINGUAGEM E ESTÉTICA EM FOCO

Cristine Fickelscherer de Mattos*

 <https://orcid.org/0000-0003-2011-4614>

Helena Bonito Couto Pereira**

 <https://orcid.org/0000-0002-1642-5447>

■ **O** funcionamento e o uso de linguagens para a comunicação e para o conhecimento têm intrigado o ser humano desde os tempos antigos. No diálogo platônico *Crátilo*, Sócrates discute com seus interlocutores sobre a natureza dos nomes, plantando de forma abrangente indagações que, séculos mais tarde, incluirão ponderações sobre aquilo que a linguística saussuriana designará por arbitrariedade do signo linguístico e a semiótica peirciana discutirá junto à iconicidade ou ao simbolismo de signos visuais.

Também durante a Idade Média, o tema da linguagem mobilizou as reflexões de muitos pensadores. A querela entre nominalistas e universalistas, tematizada por Umberto Eco em seu célebre *O nome da rosa*, discutia a capacidade da linguagem verbal de expressar essências e ideias ou de apenas nomeá-las por abstração. Mais adiante, no Renascimento, Erasmo de Roterdã, entre outros, insistiu na importância da linguagem verbal pelo seu indissociável vínculo com a racionalidade. No século XVII, Hobbes, por sua vez, destacou a necessidade dessa mesma linguagem para o estabelecimento de elementos comuns que possibilitassem aos homens evoluir de um estado natural a um contrato social. No final do século XVIII, Schleiermacher postulou a linguagem verbal como base para o pensamento e a compreensão, e desenvolveu uma das reflexões basilares para os processos envolvidos na tradução entre idiomas.

As reflexões sobre a linguagem geraram ponderações cada vez mais complexas e amplas no século XIX com o desenvolvimento das áreas de Filosofia da

* Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: cristine.mattos@mackenzie.br

** Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: helena.pereira@mackenzie.br

Linguagem e Fenomenologia no âmbito da filosofia, especialmente por meio das contribuições fundadoras de Gottlob Frege e Edmund Husserl, respectivamente, cujas reflexões abriram caminho para estudos posteriores dedicados não mais apenas ao discurso verbal. Próximo da virada para o século XX, duas contribuições substanciais conferiram o estatuto de ciência aos estudos de linguagem: a linguística de Saussure e a semiótica de Peirce. Aquela sistematizou o olhar analítico sobre a linguagem verbal, ao passo que esta teorizou a respeito da percepção e da significação dos sistemas de signos em geral. A segunda metade do século XX reuniu conclusões de diversas áreas do conhecimento para lançar as raízes de amplas considerações teóricas sobre a linguagem, como a Análise do Discurso e os Estudos Culturais.

Como resultado do desenvolvimento tecnológico intenso ocorrido no século XX, a comunicação tornou-se progressivamente mais e mais mediada por dispositivos de vários tipos: a fotografia, o cinematógrafo, o rádio, o telefone, a televisão etc. A profusão de novos meios para a comunicação, os *media*, alterou visível e rapidamente as formas de interação social e a própria sociedade. Marshal McLuhan postulou que esses meios aportavam também suas linguagens específicas, com novas possibilidades de expressão para as mensagens. A relevância dos meios fez-se ainda mais evidente com o surgimento e a popularização do computador, especialmente devido à sua capacidade de convergência, fazendo coexistirem digitalmente diversos meios num só. A criação da rede mundial de computadores em 1992 (*www* – *world wide web*) levou a comunicação a um nível de intensidade e quantidade jamais visto na história da humanidade. O século XXI gerou sucessivos *gadgets* digitais que viabilizam com crescente facilidade o contato entre os meios de comunicação e a transposição dos conteúdos veiculados de um meio para outro e, conseqüentemente, a tradução das linguagens entre os *media*: adaptações da linguagem verbal literária para a linguagem cinematográfica de ficção; obras de arte que empregam mais de um meio e misturam suas linguagens; textos que parecem imagens, imagens que parecem textos. A abundância de relações entre meios vem gerando novas reflexões sobre suas linguagens, através de seus diversificados contatos, em conceitos e teorias que desde a virada do século despontam nos ambientes acadêmicos: tradução intersemiótica, transcrição, intermedialidade.

Esse brevíssimo e insuficiente resumo da longa história das reflexões sobre a linguagem *não nos permite ignorar sua imprescindível valia para a humanidade*. Recentemente, o linguista Daniel Everett (2012, p. 14), estadunidense que desenvolveu pesquisa no Brasil, afirmou que “a linguagem nos faz humanos”¹, pois é resultado da interação entre o nosso potencial genético e a ambiência de nossas vidas.

Se a linguagem, seja ela verbal, gestual, pictórica ou outra, é um traço distintivo essencial dos seres humanos, a arte, por ser produzida com linguagem, estará igualmente ligada ao que há de humano em nós. Como afirmou Antonio Candido (1999), a arte literária, por exemplo, nos permite confirmar a humanidade do homem. E assim chegamos ao segundo termo do tema desta ponderação: estética.

A palavra estética vem do vocábulo grego *aisthesis*, que possui uma vasta gama de significações. Em outro diálogo de Platão, chamado *Teeteto*, Sócrates

1 “Language gives humans their humanity” (tradução nossa).

discute com o matemático que dá nome ao texto a respeito da proximidade entre conhecimento (*episteme*) e estética (*aisthesis*). Isso porque por *aisthesis*, na antiguidade, entendia-se percepção de elementos exteriores ao ser humano, por meio dos nossos cinco sentidos. Como o conhecimento se faz possível pela percepção, está intrinsecamente relacionado a ela. A *aisthesis* grega inclui o processo de tornar interno aquilo que é percebido externamente, isto é, a consciência do que é percebido e das sensações envolvidas, os sentimentos por elas gerados, incluindo até mesmo as imagens dos sonhos (CORNFORD, 2007).

A *aisthesis* é motivo de diferentes ponderações ao longo dos textos de Platão. Será Aristóteles, seu aluno, o responsável por uma abordagem mais sistemática do tema, com aprofundamento das discussões platônicas, embora não sem novas ambiguidades conceituais. Para Aristóteles a *aisthesis* também diz respeito à percepção, mas apenas quando um elemento estimula ou ativa os sentidos de modo a produzir uma sensação, envolvendo assim um processo codependente em que as qualidades do elemento percebido dependem do sentido de quem percebe e a sensação percebida depende das qualidades do elemento. A percepção envolve movimento, pois afeta e gera sentimentos (ou “afeição”, palavra de mesma raiz de “afetar”) naquele que percebe, ao mesmo tempo que altera o próprio objeto da percepção, acrescido então das qualidades percebidas (BOERI, 2010).

Como se pode notar pelas afirmações acima, as raízes gregas da estética não envolvem diretamente a questão da arte. A concepção de Estética como ciência e filosofia da arte é fruto da apropriação do termo feita em 1750 por Alexander Baumgarten, cuja obra *Aesthetica* ocupa-se do conceito de belo e de sua expressão artística. Embora Platão discorra sobre a percepção, não a usa para a apreciação da arte. Sua teoria do belo, ao contrário do que se possa imaginar, está totalmente dissociada da materialidade e daquilo que afirma ser a atuação enganosa dos sentidos; vincula-se a uma essência e a uma verdade imutáveis a serem buscadas pelo pensamento (*eidos*) (JIMENEZ, 1999). Aristóteles, ao focar a percepção e os sentidos de maneira positiva e ao destacar seus efeitos sobre quem percebe, analisa a expressão poética por meio de certos princípios norteadores – de imitação, unidade e catarse – que permitem juízos de valor sobre as criações artísticas. Muito longe ainda das afirmações de Baumgarten sobre o belo e sobre os critérios para a perfeição do conhecimento sensitivo, isto é, sobre a beleza, Aristóteles, contudo, dá o primeiro passo em direção ao enaltecimento das sensações que vigora nas abordagens sobre expressões artísticas contemporaneamente.

Entre fontes diversas e traduções de diferentes origens, a *Poética* de Aristóteles e muitos dos textos de Platão perderam-se durante a Idade Média e só voltaram a circular e ter o seu conteúdo amplamente discutido no Renascimento, justamente quando ocorre um destacado florescimento das artes no continente europeu. O Humanismo, do já citado Erasmo de Roterdã, desenvolve-se, então, por meio de um renovado interesse pelos filósofos gregos, que inclui estudos estéticos como o de Marsilio Ficino e tratados técnico-artísticos como os de Leon Battista Alberti, Leonardo Da Vinci e Albrecht Dürer. O século XVII, ainda sob a influência clássica, gesta parâmetros importantes para as discussões sobre estética, introduzindo a noção de gosto como fator importante na consideração sobre a beleza e as artes para gerar tratados como os de Charles Batteux e do Abade Du Bos.

O caminho aberto por Baumgarten, ao propor no século XVIII uma disciplina dedicada à filosofia da arte e ao nomeá-la Estética, reconfigurou as discussões

antes dispersamente direcionadas ao fazer artístico e ao pensamento filosófico. Contudo, as ambiguidades definitórias seguirão acoessando essa área de estudos situada a meio caminho entre ser uma mera subdivisão da filosofia ou ser um campo de estudos das humanidades (como o são a Sociologia, a Psicologia, as Letras etc.).

Uma das maiores contribuições para o aprofundamento das questões relativas à Estética foi a *Crítica do julgamento*, de Immanuel Kant, que não pode deixar de ser mencionada. Colocando em discussão o legado histórico que foi aqui muito superficialmente resumido, Kant propõe uma abordagem da arte que enfoque a percepção para além das sensações e do sentimento provocado pelo belo. Quer compreender os juízos estéticos em sua dimensão universal, a despeito dos contextos em que se insiram e dos estilos a que se vinculem, para explicar o prazer com que a arte pode arrancar o ser humano do cotidiano e colocá-lo em contato com o sublime, numa experiência de liberdade suprassensível (DAMASCENO, 2015).

Kant se preocupou com as dimensões contrastivas do entendimento e da imaginação em jogo na experiência estética, e, depois dele, Hegel quis determinar para a experiência do belo os limites entre o senso e o sentido, conceitos igualmente em contraste. Assim como Kant, Hegel (2001, p. 33) está preocupado em examinar o belo específico da arte, no qual aparência e essência, em lugar de se oporem como para Platão, estão mutuamente imbricadas, pois “a verdade não seria nada, se não se tornasse aparente e aparecesse”. A Estética de Hegel está preocupada, assim, com o aparecer sensível do belo, que contrariando a tradição, não está dissociado da essência, mas é entendido como o lugar em que o essencial e o verdadeiro se revelam como beleza.

Séculos e séculos de reflexões sobre a arte e o que e como ela se expressa foram aos poucos reconhecendo sua autonomia como linguagem e suas ambíguas fronteiras com outros tipos de percepção e conhecimento. O século XX contou como uma explosão de enfoques teóricos e experimentações no terreno da arte, com trabalhos como o de Erwin Panofsky no ainda jovem terreno da História da arte, e as ousadias da vanguarda artística para dissociar-se dos modelos sensíveis da realidade e jogar com a percepção, de certa forma, emancipando-se dela e subordinando-se, antes, à linguagem com que é abordada.

O impacto da tecnologia na arte durante o século XX abriu novas possibilidades de expressão artística em obras que desafiaram o público, os críticos, historiadores da arte e filósofos dedicados à Estética. Na primeira metade do século, em seu conhecido ensaio sobre a obra de arte, Walter Benjamin reflete sobre os efeitos desse impacto e lamenta o desencanto, a perda da “aura” ou do valor de culto das criações artísticas dele resultante. Também Theodor Adorno e Max Horkheimer criticaram os novos rumos da produção artística por meio da reflexão em torno do conceito de Indústria Cultural.

Duas décadas depois, já na segunda metade do século XX, no entanto, Adorno reorienta seu posicionamento estético para reconhecer a existência de artes (no plural), cujas linguagens particulares, de modo diverso, participam e integram o conceito maior de Arte (no singular), sejam elas expressões antigas e tradicionais, como a literatura e a música, ou novas e tecnológicas, como a fotografia e o cinema. Reconhece que o “*pathos* contra o mundo desencantado e reificado é um pouco *démodé*” (ADORNO, 2018, p. 38) e procura defender, diante de críticas conservadoras, o que lhe parece ser caracteristicamente abundante na

arte contemporânea: o “enlaçamento” de diferentes artes por meio de seus procedimentos, seus temas ou suas linguagens.

Os desafios para a reflexão sobre elementos estéticos não pararam de crescer na passagem do século XX para o XXI com novas proposições artísticas “enlaçando-se” com as artes tradicionais – como literatura, pintura, escultura, música – e com as expressões posteriores – como fotografia e cinema, *ready-mades* –, e ainda com as mais recentes – grafites e pixações, o “visual” das tribos urbanas, as expressões estéticas identitárias de grupos sociais etc. Na vida acadêmica, em especial nas áreas de Ciências Humanas, como Letras e Comunicação, linguagem e estética são conceitos permanentemente submetidos a pesquisas, procedimentos analíticos, reflexões e discussões.

O Grupo de Pesquisa “Linguagens e Estética”, do Centro de Comunicação e Letras (CCL) da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), vem desenvolvendo trabalhos em torno desses conceitos e concebeu este dossiê, aberto a toda a comunidade científica de Letras e de Comunicação, como forma de materialização das reflexões que o inspiram. O Dossiê, intitulado também “Linguagens e Estética”, reúne estudos sobre diferentes linguagens artísticas, que se manifestam em diferentes meios de comunicação. Todos os artigos que o compõem discutem questões teóricas e/ou analisam textos formulados essencialmente em sua dimensão estética, seja ela literária, cinematográfica ou em outras linguagens de variadas naturezas. Em perspectiva interdisciplinar, as reflexões versam sobre questões estéticas relacionadas às artes, em suas relações com variados aspectos das linguagens em que se expressam.

A disposição dos artigos neste dossiê obedece a uma sequência que se inicia com reflexões estéticas sobre a relação entre as linguagens artísticas de modo geral, e que conflui para modalidades artísticas específicas, seja cada uma isoladamente, seja no diálogo entre artes ou ainda em transposições midiáticas pontuais. As artes, como fruto da *aisthesis*, são conhecimento e percepção do mundo e de si mesmo que contribuem para a constituição integral do ser humano.

A interrogação exposta no título do primeiro artigo, “Por que traduzir interartisticamente?”, abre-se para múltiplas respostas, associadas à crescente hibridização que se verifica nos estudos entre linguagens e meios. Postula que não se trata apenas do modo como se relacionam as artes, do estudo comparativo entre o original e a adaptação ou de uma reflexão teórica sobre o adaptar, como na maioria dos estudos interartes ou intermédias, mas de indagar as razões para se fazê-lo, o porquê de se traduzir ou adaptar de uma arte à outra, de uma linguagem à outra, de um meio ao outro. A resposta a essa pergunta é examinada por três diferentes perspectivas que incluem razões ligadas a percepção, recepção e compreensão de elementos estéticos, à obra de arte como um ato estético e à produção artística como função antropológica de autodefinição e autorrepresentação. As ponderações dentro das perspectivas examinadas acionam conceitos estéticos inovadores, tais como: “o efeito de vida”, de Marc-Mathieu, em toda sua carga intersubjetiva, imaginativa e psíquica; “a partilha do sensível”, de Jacques Rancière, por sua materialidade disposta contextualmente; “arquétipos artísticos”, em seu teor lúdico, simbólico e festivo, como o dispõe Hans-Georg Gadamer. O estudo propicia um novo olhar sobre as relações para além da intertextualidade e da intersemiótica e intermedialidade.

A hibridização entre artes e mídias expressa-se frequentemente nas transposições de produções artísticas, em especial narrativas, de uma mídia para outra.

É o que se observa no segundo artigo “Dos lábios que narram ao olho invisível: estratégias narrativas em *Capitu*”, em que a análise da minissérie, a partir de um embasamento teórico, conflui para o exame das instâncias narrativas cinematográficas que, por não estarem tão definidas ou discutidas quanto as literárias, se apropriam de conceitos destas para criar um instrumental analítico próprio.

O terceiro artigo, “Das entranhas da memória e dos clichês na revolução erótica de Almodóvar”, analisa a estética do cineasta espanhol Pedro Almodóvar em sua pouco conhecida produção literária, a novela-folhetim *Fogo nas entranhas*, de 1981. A originalidade da trama e a ousadia da temática do livro estão examinados à luz de reflexões filosóficas e psicanalíticas, e por análise contrastiva com outras obras literárias ou de outras linguagens. Para compreender a singularidade da estética de Almodóvar, o artigo aprecia os fatores que o livro tem em comum com os filmes do autor em seu instável equilíbrio entre o excepcional e o comum, o humor e a crítica social.

Autor de produções artísticas que romperam de modo radical com a estética de seu tempo, Marcel Duchamp continuou a inspirar escritores e artistas, como se demonstra no artigo seguinte, “Enrique Vila-Matas: embaixador da literatura *ready-made*”. Dentre as produções de Duchamp que impactaram os procedimentos criativos de Vila-Matas, destaca-se a *caixa-mala (boîte-en-valise)*, espécie de museu portátil em miniatura, com sofisticadas cópias facsimilares. Um dos efeitos da miniaturização é a facilitação do transporte, que se reflete nas constantes viagens das personagens do escritor catalão. O gosto de Duchamp por enigmas, ocultamentos e desvelamentos está na raiz da *História abreviada da literatura portátil*, narrativa em que Vila-Matas insere artistas reais e fictícios, causando um embaralhamento proposital de biografias verdadeiras e inventadas.

A análise que se desenvolve em “Tempo e espaço na autoficção *A confissão de Lúcio*, de Mário de Sá-Carneiro” assume como ponto de partida teórico o *cronotopo* bakhtiniano, encetando a seguir a discussão sobre o modo empregado pelo romancista português para construir sensações que se expressam em forma de devaneios imagéticos. Nesse romance em que o protagonista vê a vida pela ótica das artes, suas sensações dirigem suas leituras que são de tempo e espaço – a Paris da *belle époque* –, mas também da vida e das artes. Emprega-se na análise a metáfora da *bruma*, que, mobilizada pela arte para envolver as sensações, na perspectiva do protagonista, é também um portal entre o real e o imaginário.

A interação e o “enlaçamento” entre artes e diferentes linguagens estão particularmente tematizados pelo sexto artigo do dossiê, “O grafite cartum e a narrativa gráfica sequencial na paisagem urbana”, pesquisa singular que examina a produção inovadora de grafiteiros na cidade de São Paulo. Com base em pesquisas anteriores, o estudo pondera sobre as origens e as características dos grafismos na paisagem urbana para descrever, definir e analisar um gênero recém-surgido, o “grafite cartum”, que mescla componentes intertextuais de outros meios e linguagens. Os autores do artigo examinam ainda o impacto do uso do suporte digital na veiculação das obras e nas possibilidades de construção de mensagens estéticas complexas que conformam a expressão de uma rica cultura híbrida.

Ainda no cenário das grandes metrópoles, desenvolve-se o estudo relatado no sétimo artigo, “Fronteiras borradas na pós-modernidade: os *trappers*, retratos do contemporâneo”, dedicado à pesquisa sobre os limites fluidos entre a estética musical e a indumentária dentro de um estilo ou movimento chamado *Trap*

music. Analisada pelo viés teórico-filosófico da Pós-modernidade e com o suporte da teoria da comunicação, a chamada “moda dos *trappers*” questiona os signos da moda em geral e os padrões de gosto, além de ressignificar marcações de classe e valores sociais por meio de diferentes mídias.

O penúltimo artigo, “Acontecimento em autoras negras e/ou nordestinas”, assim como se observou no início desta apresentação do Dossiê, reúne linguagem e filosofia, literatura e estética, num filosofar artístico destinado a ponderar sobre os processos de significação nas obras das escritoras negras e/ou nordestinas Conceição Evaristo, Livia Natália e Jarid Arraes. O estudo discute e conceitua a noção de “acontecimento” à luz de diversos autores e o aplica à literatura, em função de sua constante renovação – como escritura e como leitura –, proporcionada pelo seu teor imaterial e transcendente. O “acontecimento” é literariamente analisado em diferentes obras das autoras, nas quais personagens e eu líricos tematizam a mudança necessária para uma reterritorialização que transforme suas situações de vida, seu lugar no mundo.

Encerrando o volume, “As particularidades na etnopoética de Márcia Kambeba” analisa a obra *Ay kakyri tama – Eu moro na cidade*, livro de poemas de Márcia Wayna Kambeba, indígena Omágua Kambeba, nascida na aldeia Tikuna, no Alto Solimões da Amazônia. Para a análise, a pesquisa discute princípios e valores que, estando na raiz da concepção ocidental europeia de poesia, precisam ser repensados para a compreensão de uma obra indígena. A linguagem poética particular de Kambeba articula uma estética igualmente particular, conceituada como “etnopoética”. O trabalho da escritora, para dar voz a sua cultura, faz-se em perspectiva decolonial, por descondicionamento da percepção e do entendimento.

Cumprido este dossiê, portanto, seu propósito de atribuir espaço a uma temática de relevância – que vem suscitando os mais diversos estudos ao longo dos tempos –, abrigando diferentes pesquisas que versam sobre Linguagens e Estética.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. *A arte e as artes e Primeira introdução à Teoria estética*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.
- BOERI, M. D. αἰσθησις em Aristóteles. *Revista Latinoamericana de Filosofia*, Miñones, v. 36, n. anejo, p. 179-203, 2010.
- CANDIDO, A. *A literatura e a formação do homem. Remate de Males: Revista do Departamento de Teoria Literária*, São Paulo, n. esp., p. 81-89, 1999.
- CORNFORD, F. M. *La teoria platónica del conocimiento*. Barcelona: Paidós, 2007.
- DAMASCENO, J. C. A estética kantiana: o belo, o sublime e a arte. *Intuitio*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 146-158, dez. 2015.
- EVERETT, D. *Language: the cultural tool*. London: Profile Books, 2012.
- HEGEL, G. W. F. *Cursos de estética I*. São Paulo: Edusp, 2001.
- JIMENEZ, M. *O que é estética?* São Leopoldo: Unisinos, 1999.